

UTILIZAÇÃO DA ESCALA DE EDINBURGH POR ENFERMEIRAS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE NO ATENDIMENTO A MULHERES NO CICLO GRAVIDICO PUERPERAL

4º CONGRESSO SUL BRASILEIRO DE SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM e 3ª MOSTRA INTERNACIONAL DE CUIDADO DE ENFERMAGEM NO CICLO DA VIDA, 4ª edição, de 25/10/2021 a 27/10/2021

ISBN dos Anais: 978-65-990474-2-8

PRADELLA; Nandara¹, BINELLO; Roseli², KOLHS; Marta³, GASPARIN; Vanessa⁴, AGNOLL; Andreia Cristina Dall⁵, AZAMBUJA; Denise Antunes de Azambuja⁶

RESUMO

Introdução: A Atenção Primária à Saúde (APS), que se constitui como porta de entrada preferencial, é a principal provedora da atenção e coordenadora do cuidado. É por meio da APS que muitas puérperas e/ou familiares, buscam ajuda e orientações sobre os sinais e sintomas da depressão pós-parto, a fim de alcançar uma solução adequada¹. Segundo Mol², "a depressão pós-parto (DPP) é um dos problemas graves de saúde e frequentes durante o período puerperal, que acometem de 10% a 20% das mulheres e está sendo o segundo maior fator de morbidade entre as puérperas, e tende a iniciar entre as primeiras quatro semanas e até um ano após o nascimento do bebê" (p.44). Uma ferramenta que pode ser utilizada para diagnóstico precoce da DPP, está na consulta de pré-natal e puerpério, que são realizadas por médicos e enfermeiros da APS, como método para auxiliar no diagnóstico a Escala de Depressão Pós-Parto de Edimburgo, se apresenta com potencial importante de fácil entendimento e avaliação tanto para uso no pré-natal como no puerpério³. **Objetivo:** Analisar a utilização da escala de Edinburgh pelas enfermeiras da Atenção Primária a Saúde frente à depressão no ciclo gravídico-puerperal. **Método:** Este resumo é oriundo de um trabalho que compõe o macroprojeto intitulado: "Saúde mental das mulheres no seu ciclo gravídico-puerperal", vinculado ao Departamento de Enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Estudo descritivo de abordagem qualitativa exploratória. A coleta de dados foi realizada com enfermeiras 38 enfermeiras que atuam na APS fazem parte do Comitê Regional de Morte Materna e Neonatal da regional, dos municípios de Chapecó totalizando 34 municípios. A coleta de dados foi realizada nos meses de junho a setembro de 2020, por meio da aplicação de um questionário composto por nove questões abertas, via formulário do *Google Forms*® isso se deu neste formato devido a pandemia do COVID 19. O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), respeitou-se os preceitos éticos previstos na Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e a [Resolução 510/2016/CN/MS](#). **Resultados:** Participaram da pesquisa 38 enfermeiras sendo que 25 com idade entre 27 e 37 anos; nove de 38 a 47 anos; três mais de 47 anos. No que se refere ao tempo de formação profissional, a grande maioria (70%) tem mais de 10 anos de atuação profissional. Quando perguntadas se conheciam escalas ou instrumentos que auxiliassem na detecção de uma possível DPP, e 34 enfermeiras respondeu que não conhecem e não utilizam nenhuma escala; e apenas 04 conhecem, mas nem sempre utilizam. Além disso, as enfermeiras responderam que a consultas de pré-natal e puericultura está mais direcionado ao profissional médico e que quando fazem atendimento a este público utilizam outros meios, como o histórico de vida e atual da paciente e ficam atentas aos possíveis sinais e sintomas, e que após a detecção se necessário fazem o encaminhamento para o médico e psicóloga. Observa-se que a DPP é uma doença, sendo assim, exige tratamento adequado, e acompanhamento atento. Nesse contexto, quanto mais imediata for detectado a DPP a partir da percepção dos sinais e sintomas depressivos, mais rapidamente poderá ocorrer a remissão do quadro evitando-se assim problemas maiores para a paciente, o bebê e seus familiares. Para que este tratamento ocorra com eficiência, deve-se haver uma equipe de saúde atenta e acolhedora a prestar um atendimento afetivo com uma escuta qualificada voltada a gestante/puérpera considerando todas as mudanças hormonais, físicas e social que ocorre nesta fase da vida. Dentre esses profissionais da área da saúde que podem colaborar de forma efetiva na detecção, cuidado e tratamento da DPP, está o profissional da enfermagem, que possui uma posição favorável para detectar precocemente e intervir, evitando o agravamento do processo da depressão gravídica/puerperal. Observa-se que dentre as escalas de avaliação e auto avaliação existentes, destaca-se a Escala de Depressão Pós-Parto de Edimburgo (EPDS) que é um instrumento de simples aplicação e interpretação, que se adequa também aos profissionais das áreas básicas de saúde. A escala de Edimburgo é composta por 10 itens, cujas opções são pontuadas (0 a 3) de acordo com o sintoma apresentado e sua intensidade. Porém, muitos profissionais não a conhecem e não utilizam, dessa forma, acabam por buscar outros meios de detecção muitas vezes não adequados e/ou eficazes, levando as gestantes e puérperas aos sofrimentos psíquicos emocionais

¹ UDESC, nandarapradella@live.com

² UDESC, rosellabinello@gmail.com

³ UDESC, martakolhs@yahoo.com.br

⁴ UDESC, vanessa.gasparin@udesc.br

⁵ UDESC, andreia.agnol@udesc.br

⁶ UDESC, denise.zocche@udesc.br

atingindo também o bebê e familiares⁴. **Considerações finais:** O estudo nos mostra que a DPP não é investigada em gestantes e puérperas. A consulta de enfermagem com escuta qualificada e aplicação da escala se faz importante e necessário. Para isso, sugere-se uma capacitação e estímulo aos profissionais da APS em especial ao enfermeiro bem como a capacitação dos profissionais de saúde, especialmente do enfermeiro, visando a detecção precoce e com a consolidação dos laços afetivos da mãe e do filho e de todos os membros familiares⁴. Eixo temático: Tecnologias educativas, cuidativas e assistenciais para o cuidado ⁵.

Referências:

1. DIEHL, Adriane Krob et al. Depressão na gestação e no pós-parto e a responsividade materna nesse contexto. *Revista de Psicologia e Saúde*, Campo Grande, v. 09, n. 03, p. 01-14, 2017. [Acesso em 09 nov 2021]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v9i3.565>.
2. MOL, Fernandes Marciana. Rastreado depressão pós-parto em mulheres jovens. *Revista de enfermagem UFPE on line*, Recife, v. 13, n. 05, p.1338-44. [Acesso em 09 nov 2021] Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v13i05a239289p1338-1344-2019>.
3. Alfaia M, Lidiane R, Magalhães M. Uso da escala de Edinburgh pelo enfermeiro na identificação da Depressão Pós-Parto: Revisão integrativa da literatura. *Revista Ciência e Sociedade*. Maceió; 2016. [Acesso em 09 nov 2021]. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/cienciaesociedade/article/view/2091/1234>.
4. Bouquat A, et al. Atenção primária à saúde e coordenação do cuidado nas regiões de saúde: perspectiva de gestores e usuários. *Ciência e Saúde Coletiva*. [Acesso em 09 nov 2021]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n4/1413-8123-csc-22-04->
5. Souza R, et al. Gestação de mulheres portadoras de transtornos mental *Revista Tendência da Enfermagem*. Fortaleza, 2017. [Acesso em 09 nov 2021]. Disponível em: <http://www.coren-ce.org.br/wp-content/uploads/2019/02/GESTAÇÃO-DE-MULHERES-PORTADORAS-DE-TRANSTORNOS-MENTAIS.pdf>.

PALAVRAS-CHAVE: Depressão pós-parto, gravidez, enfermagem, saúde mental

¹ UDESC, nandarapradella@live.com
² UDESC, rosellabinello@gmail.com
³ UDESC, martakolhs@yahoo.com.br
⁴ UDESC, vanessa.gasparin@udesc.br
⁵ UDESC, andrea.agnol@udesc.br
⁶ UDESC, denise.zocche@udesc.br